

Notas para a criação de uma área transdisciplinar dos estudos latinoamericanos de comunicação

As formas comunicativas digitais indígenas: redes transespecíficas e práticas ecológicas não ocidentais

O PRESENTE DOSSIÊ APRESENTA a progressão dos estudos realizados inicialmente no Centro Internacional de Pesquisa Atopos e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da ECA-USP, que, a partir da primeira década dos anos 2000, começaram a analisar e monitorar as interações digitais desenvolvidas pelos povos indígenas no Brasil. Pioneiras na América Latina e no Brasil, essas investigações, que ao longo do tempo se expandiram e atraíram a adesão de pesquisadores de diversos estados e de vários povos indígenas, fundamentam hoje a abertura de uma área transdisciplinar de estudos sobre as práticas indígenas digitais de comunicação e conectividade. Essa área não se configura como um “campo” disciplinar, mas como uma convergência de abordagens oriundas de diversas áreas do conhecimento, objetivando promover o desenvolvimento e o aprimoramento por meio de sua confrontação com saberes não ocidentais, seja nos estudos da teoria da comunicação contemporânea e da teoria do social, seja nos âmbitos filosófico, da saúde, da botânica, da educação, da antropologia e, sobretudo, em relação aos significados atribuídos à tecnologia e ao meio ambiente. A confrontação e o diálogo com saberes não ocidentais e suas complexas interações e conectividades podem beneficiar áreas de conhecimento distintas, proporcionando, entre outras coisas, o questionamento de suas delimitações e fronteiras disciplinares.

O processo de digitalização das aldeias e dos povos indígenas, que começou nos anos 2000, no Brasil, com o advento da banda larga e de políticas públicas de inclusão digital, vem, atualmente, constituindo-se na expansão e na consolidação de diversos tipos de redes. Se, num primeiro momento, tal processo ocasionou a tomada da palavra, o ativismo e o empoderamento dos povos da floresta, presentemente, com o advento dos satélites, de sensores e da Internet of Things, estendeu a conectividade ao meio ambiente, permitindo novas práticas ecológicas desses povos por meio do monitoramento, da preservação e da defesa

<https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v19i3p1-8>

V.19 - Nº 3 set./dez. 2025 São Paulo - Brasil EDITORIAL p. 1-8 MATRIZes



digital de seus territórios. Como evidenciado em diversos estudos realizados nas últimas duas décadas pela linha de pesquisas Tekó do Centro Internacional de Pesquisa Atopos, da Universidade de São Paulo, o processo de digitalização das aldeias, diferentemente das experiências urbanas e ocidentais, inseriu-se em um contexto pancomunicativo, no qual coisas, plantas, animais e espíritos compõem um social reticular, caracterizado por arquiteturas comunicativas transespecíficas. Estas, mais que baseadas em modelos comunicativos dissemiantivos e midiáticos, apresentam-se como redes híbridas e emergentes, através das quais é possível transitar entre espécies diversas e habitar, ao mesmo tempo, como nos contextos xamânicos, em múltiplas formas.

Mais que uma prática informativa e externa, o polimorfismo dessas formas comunicativas conectivas exprime, entre as demais, qualidades metamórficas (Coccia, 2021), transitórias (Perniola, 1989) e transsubstancialistas (Di Felice, 2020).

Antes da internet das coisas, dos satélites, dos sensores e da digitalização do território, essas populações já habitavam um mundo conectado e um social polimorfo, não composto apenas por atores e sujeitos humanos, mas constituído por redes formadas por entidades diversas, humanas e não humanas, e por ecologias conectadas (Di Felice & Pereira, 2017).

O estudo das práticas e dos processos de digitalização em aldeias e territórios indígenas, ao levar em conta suas especificidades e suas matrizes epistêmicas não ocidentais, ocasiona, no âmbito dos estudos latino-americanos, a possibilidade do surgimento de uma concepção conectiva e decolonial do social e da ideia de comunicação. O estudo desses processos e das práticas comunicativas pode ocasionar o aparecimento de uma virada epistêmica no âmbito das humanidades que, fundamentada nas morfologias híbridas e não antropocêntricas dos diversos povos indígenas latino-americanos, possa ajudar a compreender o significado da conectividade contemporânea, contribuindo, de maneira original, para o debate científico mundial.

O campo de estudo dos processos e das práticas de digitalização dos povos indígenas tem como objetivo somar pesquisa e contribuições teóricas, indígenas e não indígenas, para a construção de uma ideia decolonial, transespecífica e conectiva da comunicação.

Conforme apresentado no conjunto de artigos que compõem esta coletânea, o processo de digitalização das aldeias e dos povos indígenas, que se desenvolveu ao longo dos últimos vinte anos no Brasil, ocorreu em um contexto cultural “pancomunicativo” e “multinaturalista” (Viveiros de Castro, 2013), distinto daquele ocidental, no qual plantas, objetos e animais se comunicavam com os humanos como membros da mesma comunidade. Sensores, internet das coisas, satélites

e redes sociais digitais deram, assim, formato digital às já pré-existentes redes transespecíficas, criando outro tipo de complexidade conectiva que expandiu e ressignificou as dimensões dos ecossistemas, já comunicantes e interagentes.

Essa especificidade coloca em evidência a questão da não uniformidade dos processos tecnológicos e a dimensão não universal da técnica. O equívoco da episteme ocidental em conceber, ao longo dos séculos, a técnica como uma categoria universal (Hui, 2020) tornou-se, hoje, um obstáculo para a compreensão da conectividade e das especificidades dos processos digitais produzidos entre os povos indígenas, assim como entre as diversas culturas que compõem o mosaico da heterogeneidade cultural e linguística da América Latina e do mundo.

A abertura de uma área de estudos e práticas comunicativas digitais dos povos ameríndios se insere em um momento crítico da reflexão sobre o futuro da tecnologia, impulsionada pelo advento da inteligência artificial, das redes neurais automatizadas, da bioinformática, dos Large Language Models e de todas as formas de um novo protagonismo tecnológico, diante do qual a concepção tecnológica instrumental, produzida pela episteme ocidental, torna-se evidentemente inadequada.

Nesse contexto, os processos de digitalização e informatização das aldeias e dos territórios indígenas, além de suas dimensões socioantropológicas, relacionadas ao empoderamento e ao protagonismo cultural e econômico que tais tecnologias têm proporcionado a essas populações, assumem o significado específico de uma importante ruptura no paradigma epistêmico hegemônico dos estudos da comunicação. Essa ruptura se apresenta como uma virada qualitativa que não diz respeito apenas à dimensão fenomenológica das práticas comunicativas, relativas aos estudos semióticos e de conteúdo, ou àquelas midiáticas de impacto ou recepção, mas atinge a dimensão mais profunda da própria ideia de comunicação e de seu significado.

A digitalização dos âmbitos conectivos e transespecíficos dos ecossistemas indígenas nos oferece, no contexto contemporâneo datificado, programado, automatizado e simulado, a oportunidade de formular a pergunta “o que é a comunicação?”. Ao mesmo tempo, essa questão ecoa como uma acusação irrefutável à ideia simplista, instrumental e mercadológica da comunicação midiática, que, em seu absolutismo antropocêntrico, desconsiderou completamente as dimensões ecológica, ambiental e não humana.

A origem desse processo, que culmina na proposta de abertura de uma nova área de estudos, começou no âmbito das pesquisas sobre redes e conectividade no Centro Internacional de Pesquisa Atopos (USP). O primeiro passo foi a realização de dois seminários com o intuito de reunir as principais produções digitais indígenas em desenvolvimento no Brasil naquele momento. O primeiro,

“Mídias Nativas”, foi realizado em conjunto com o Núcleo de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Maria Luiza Tucci Carneiro, na antiga Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), no Departamento de História e no Sesc Paulista, em 2006, e contou com a presença de videomakers, blogueiros e ativistas digitais indígenas que se destacavam em suas atuações nos contextos digitais. O segundo “Mídias Nativas” foi realizado em 2008, no Centro Cultural São Paulo (CCSP), e contou, além dos comunicadores indígenas, com a participação de jovens comunicadores da periferia de São Paulo. Esses dois eventos criaram uma rede de contatos e experiências que se consolidaram nos estudos e investigações desenvolvidas nesse período inicial.

Destaca-se a pesquisa de mestrado realizada nesse período, “Ciborgues indígen@s.br: a presença indígena brasileira no ciberespaço” (2005–2007), da pesquisadora Eliete Pereira, defendida no Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas, atualmente Departamento de Estudos Latino-Americanos, na Universidade de Brasília, posteriormente publicada em 2012 pela Editora Annablume. A tese de doutorado da pesquisadora (2013), defendida no PPGCOM-ECA/USP, expandiu a reflexão sobre a digitalização da localidade digital por meio da análise comparativa da experiência da ecologia comunicativa xamânicas Ashaninka (Acre). Em seguida, começou uma segunda fase dos estudos sobre a digitalização dos povos indígenas no Atopos, caracterizada pela criação de uma linha de pesquisa específica denominada Tekó. Essa linha expandiu a rede de relações, realizou intercâmbios em Terras Indígenas, seminários e publicações.

Dessa fase, destacam-se a pesquisa de Fernanda Moreira sobre as redes xamânicas e a contribuição para uma ideia de ecologia comunicativa (2014) e a de Thiago Franco sobre a conectividade do habitar comunicativo Krahô (2019). Em uma terceira fase, a linha de pesquisa sobre a digitalização indígena realizou outras investigações junto aos Ikpeng (Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso), Suruí Paiter (Terra Indígena Sete de Setembro, Rondônia), Sateré-Mawé (Baixo Amazonas), entre outros. Os resultados desses estudos foram reunidos e publicados na obra Redes e ecologias comunicativas indígenas: A contribuição dos povos originários à Teoria da Comunicação (2017), organizada por Massimo Di Felice e Eliete da Silva Pereira. A partir da evolução das práticas de conectividade e do processo de digitalização, começaram a ser analisadas as contribuições dos povos indígenas para o desenvolvimento de uma ideia não ocidental, conectiva e ameríndia de comunicação, inspirada nas práticas pancomunicativas desses povos.

As contribuições reunidas neste dossiê mostram o estado atual desse percurso de pesquisa, que agora apresenta as valiosas contribuições de estudiosos

e pesquisadores indígenas. Neste momento de crise da episteme ocidental e da ideia de comunicação instrumental e midiática, fica evidente a importância desses estudos, que, a partir das visões, contribuições e pontos de vista indígenas, propõem-se a colaborar para a construção de uma ideia conectiva de comunicação latino-americana, que não seja exclusivamente ocidental nem limitada às interações entre humanos e tecnologias.

As contribuições dos artigos aqui reunidos — a maioria escrita em coautoria com pesquisadores e autores indígenas — diferenciam-se dos relatos etnográficos tradicionais, pois não têm como objetivo relatar apenas as características e práticas comunicativas de “outras” culturas a partir do olhar e dos paradigmas do nosso saber. Tampouco buscam um relato “purista”, que descreva, pela voz direta de alguns pesquisadores indígenas, a essência autêntica do comunicar desses povos. Nossa opção é outra e se inspira no formato simpoiético e metamórfico das tecnologias conectivas, além de na complexidade híbrida da formação dos povos brasileiros e latino-americanos.

Somos ocidentais; a cultura acadêmica, nossas argumentações e o saber científico também o são. Como lembrou M. Heidegger, “nossa maneira de fazer perguntas é grega”, e jamais conseguiremos nos tornar aquilo que não somos. Tentar ultrapassar os limites do pensamento e da episteme ocidental não significa, portanto, buscar sua completa anulação, mas sim a possibilidade de sua hibridização e alteração a partir do diálogo com as culturas e mundos que resistiram e sobreviveram historicamente à sua dominação cultural.

Nos contextos de crise da linguagem moderna, desafiados pelo protagonismo social dos não humanos e pelo surgimento de novos e poderosos atores sociais, como o vírus, o clima e a inteligência artificial, repensar a técnica, a ideia de comunicação, a complexidade e o formato do social, a conectividade e as interações com o meio ambiente, a partir do diálogo com as populações indígenas, torna-se uma grande oportunidade.

A abertura de uma área de estudo sobre a comunicação digital indígena pode oferecer à comunidade acadêmica latino-americana a oportunidade de criar uma perspectiva original, capaz de reposicionar, em nível internacional, as especificidades das contribuições dos estudos de diversas áreas do nosso subcontinente.

O conjunto de artigos aqui apresentado, escritos em colaboração com pesquisadores indígenas, mostra a qualidade “transdisciplinar” dessa área de estudo. A qualidade interdisciplinar que naturalmente acompanha os estudos sobre a comunicação, as redes e as tecnologias digitais é aqui enriquecida pela introdução de formas de conhecimento não acadêmicas nem tradicionalmente ocidentais, que estendem a análise para além do diálogo entre as diversas disciplinas.

Reunimos aqui dez trabalhos fundamentais que reposicionam o campo da comunicação a partir de epistemologias, ontologias e práticas indígenas, deslocando o olhar da mídia como instrumento para a comunicação como ecologia relacional. Massimo Di Felice inaugura o dossiê criticando a concepção ocidental da técnica e propondo o habitar tecnológico, onde comunicação é uma propriedade do ambiente, emergindo da co-existência entre humanos, máquinas e naturezas, em diálogo com as cosmotécnicas ameríndias. Em seguida, Eliete da Silva Pereira analisa os estudos sobre a comunicação digital indígena no Brasil que versam entre a apropriação e incorporação tecnológica, essa última derivada das cosmologias, das corporiedades e das relações próprias com seus territórios.

A dimensão cosmológica é aprofundada por Eli Borges Jr e Fernanda Cristina Moreira, que apresentam a comunicação xamânica como matriz epistemológica alternativa às teorias ocidentais lógico-transmissivas, destacando sua natureza metamórfica, transespecífica e polimórfica. Ainda no plano teórico, Thiago Franco, Josias Ferreira de Souza (Povo Sateré-Mawé) e Taynnara Franco contrapõem a “cosmofagia” ocidental à cosmologia Sateré-Mawé, evidenciando os saberes rituais e o guaraná como tecnologias comunicantes que resistem à prototipação universalista do Ocidente.

Marina Magalhães, Ana Beatriz Viana de Melo e Cláudia Ferraz (Povo Wanano) analisam o net-ativismo da Rede Wayuri no Alto Rio Negro, demonstrando como narrativas digitais articulam alianças entre humanos, espíritos, florestas e tecnologias. Marcelo Rodrigo da Silva, Iranilza Cinésio Gomes Félix e Luiz Manoel Pereira Filho apresentam a ecologia comunicativa dos Potiguara, onde sonhos, encantados e territórios atuam como sistemas vivos de saber e comunicação. Já Thiago Allan Ribeiro, Katêjuprê Burjack Parkrekapare (Povo Akrotikatêjê) e André Demarchi mostram como os Gavião do Pará indigenizam o rádio, a telefonia e a internet, reconfigurando essas tecnologias em direção à sua autonomia e aos campos de disputa interna.

No cruzamento entre arte e ancestralidade, João Dantas dos Anjos Neto, Marcos Costa de Freitas e Kamani Waurá (Povo Waurá) discutem a pintura corporal xinguana e sua expansão para espaços digitais, evidenciando tensões geracionais e reinvenções simbólicas. Anápuàka Tupinambá Hähähäe, pioneiro comunicador indígena no país do povo Tupinambá e Pataxó Hähähäe, apresenta a etnomídia como movimento histórico de retomada narrativa, com iniciativas como a Rádio Yandê, a primeira rádio web do país.

Por fim, na entrevista conduzida por Evandro J. M. Laia e Lara Linhalis Guimarães, Denilson Baniwa nos brinda com suas reflexões, como artista-xamã e hacker da arte, traduzindo mundos e tensionando o cânone por meio de

práticas rituais, digitais e estéticas. Em 2025, no contexto da 30^a Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP-30), realizada em Belém, Denilson Baniwa atua como cocurador, ao lado de Leandro Varison, da exposição Amazônia – Créations et futurs autochtones, no Museu Quai Branly, em Paris, França. Construída sob a perspectiva de seus habitantes, os povos indígenas, a mostra — em cartaz de 30/9/2025 a 18/1/2026 — apresenta a Amazônia como um território vivo e plural, onde seres humanos, espíritos, florestas e tecnologias se entrelaçam em contínua criação e transformação. Assim como seus povos originários, a Amazônia emerge como um centro comunicativo-conectivo, irradiando inovação e futuro.

Em conjunto, os textos revelam que comunicar, no horizonte indígena, é existir-com — gesto que reposiciona a ideia de comunicação como ecologia conectiva, e não como uma mídia ou como uma instrumentalidade.

A introdução de pontos de vista provenientes das culturas e linguagens das populações indígenas, ao se misturarem com o saber produzido em diversas áreas do conhecimento, tem como efeito a ampliação e a transformação dos conteúdos acadêmicos por meio da criação de uma linguagem híbrida, não mais construída exclusivamente sobre a matriz ocidental.

A natureza transdisciplinar dessa operação representa, epistemológica e historicamente, uma vitória parcial da resistência indígena e uma derrota para a civilização ocidental que, impulsionada por sua fé, verdades absolutas, interesses e razão ordenadora, expandiu-se pelo mundo, (des)classificando tudo o que lhe era diferente. ■

*Massimo Di Felice
Eliete da Silva Pereira
Thiago Franco
Josias Ferreira de Souza (Povo Sateré-Mawé)*

REFERÊNCIAS

- Coccia, E. (2021). *Metamorfoses*. Dantes.
- Di Felice, M. (2020). *A cidadania digital*. Paulus.
- Di Felice, M., & Pereira, E. S. (2017). *Redes e ecologias comunicativas indígenas: As contribuições dos povos originários à teoria da comunicação*. Paulus.
- Franco, T. (2019). *Ameríndios conectados: As formas comunicativas de habitar e narrar o mundo, de acordo com as imagens dos modernos e dos Krahô* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Repositório USP.



Notas para a criação de uma área transdisciplinar dos estudos latinoamericanos de comunicação

- Hui, Y. (2020). *Tecnodiversidade. Ubu.*
- Moreira, F. C. (2014). *Redes xamânicas e redes digitais: Por uma concepção ecológica de comunicação* [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo]. Repositório USP.
- Pereira, E. S. (2012). *Ciborgues indígen@s.br: A presença indígena brasileira no ciberespaço*. Annablume.
- Pereira, E. S. (2013). *O local digital das culturas: As interações entre culturas, mídias digitais e território* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Repositório USP.
- Perniola, M. (1989). *Transiti: Come si va dallo stesso allo stesso*. Cappelli Editore.
- Viveiros de Castro, E. (2013). *Metafísicas canibais*. Cosac Naify.